

tempo a cidade torna-se rosada. Todos os homens são rosados e de olhos brancos. Como se hipnotizados, convergem para o mesmo lugar.

A mulher fecha os olhos. Nada é seguro. Salta uma casa. Atira a malha.

Casa 2: Crianças. Enxame delas. Sentada no gramado, entre os guris, a mulher escuta e abana a cabeça. Engole seco e consente. Aceita. Nada é racional. Tudo é pele, vestimenta. Uma saia sob uma saia e outra saia sob uma saia. E assim seguem sucessivas. Chapéus e chapéus encobrem a vista. Entremeiam, iludem.

O garçom aproxima-se do gigante, e, sem dizer, coloca o copo de tequila sobre a mesa. A mulher suspira um ai. Outro lance.

Casa 1: A vida deve ser decifrada na contramão do óbvio. Nada é assim se lhe parece. O andar na rua pressupõe muitos planos. Tempo, linearidade, espaço, tornam-se fugidios, e ao cotidiano falta o chão quando o acaso espreita. O mistério está nas muitas maneiras de se chegar a Roma, mesmo que para isso se passe pelo Polo Sul. A mulher percebe que as escolhas são suas. Ela deve decidir a história.

A malha corta o ar.

Casa 4: O polígono de oito lados. O oito redondo e perfeito. Dois círculos. Infinito. Octaedros são pipas no céu, meninas a dormir e cavalos enlouquecidos nos jardins. Liliana chorando. O velho e a moça. A covardia diante do amor inesperado e fortuito faz a mulher recuar. Pequenas formas riem pelos cantos.

O bar continua na penumbra. Nocaute e o copo intacto. Charlie sopra um improviso. O gigante, que havia se levantado e ia em direção à porta, estaca de chofre. Volta-se e acena. Charlie sorri e o jazz embebedada a noite. A mulher recolhe as malhas. Fim do jogo. Os prêmios ficaram sobre a mesa. Ao lado um pergaminho para André Fava, um postal de Paris e o toco de um charuto. O pássaro retorna ao tema, o fim se contamina do começo.

No entanto²

² Sic; Nota do editor.